



Adaptação: Sueli Maria de Regino

JOÃO E MARIA

Havia um lenhador que vivia perto de uma floresta com sua mulher e dois filhos: um menino, que se chamava João, e uma menina, chamada Maria. Eles moravam em uma cabana de madeira e eram tão pobres que não havia comida para todos. Um dia, vendo que não tinham nada para comer, o lenhador disse a sua mulher.

— Não sei o que será de nós... Acho que vamos morrer de fome!

A mulher, que queria se livrar de João e Maria, disse que deviam abandonar as crianças na floresta, pois assim todos teriam alguma chance de sobreviver. O lenhador não queria abandonar os filhos, mas a mulher insistiu, dizendo que a sorte poderia levar as crianças para um lugar melhor. Se ficassem ali, com eles, é que iam morrer mesmo. E assim, a mulher acabou convencendo o marido.

As duas crianças escutaram a conversa dos pais e Maria, com medo de ser abandonada, começou a chorar, mas foi tranquilizada por João.

— Não chore Maria, acho que sei como podemos voltar para casa.

Depois que os pais dormiram, João foi ao quintal, catou um punhado de pedrinhas brancas e guardou nos bolsos de sua calça. No dia seguinte, bem cedinho, a mãe acordou as crianças e disse que iriam cortar lenha. Deu para João e Maria um pedaço de pão velho e tomaram o caminho da floresta. Como o menino, volta e meia, parava e olhava para trás, o pai perguntou:

— João, porque está parando tanto? Assim vai nos atrasar!

Bem depressa ele respondeu:

— É o meu gatinho branco, que está no telhado para se despedir de mim.

A mãe, de mau humor, disse a João:

— Não tem gatinho nenhum. É o sol que está batendo no telhado.

Na verdade, João não estava olhando nenhum gato. O que ele fazia era marcar o caminho com as pedrinhas. E assim, caminharam juntos até uma grande clareira. A mãe ordenou às crianças que esperassem ali e desapareceu entre as árvores.

Maria, ao ver que estavam sozinhos, começou a chorar, mas João disse à irmã que podia ficar tranquila, pois ele havia marcado o caminho. E foi assim, seguindo as pedrinhas brancas, que os dois irmãos conseguiram voltar para casa.

O pai ficou muito feliz por rever os filhos, a mulher, porém, mandou João e Maria para cama, e disse ao marido que no outro dia teriam que levar os dois ainda mais longe. Como as crianças estavam com muita fome e não conseguiam dormir, ouviram a conversa dos pais. Maria começou a chorar, mas João disse que ela não devia ficar preocupada, pois, como da primeira vez, eles conseguiriam voltar para casa.

Quando tudo silenciou, João foi à cozinha, mas encontrou a porta trancada. Ao voltar para a cama, viu que a irmã ainda chorava e disse:

— Maria, pare de chorar, vá dormir. Deus vai nos proteger.

De manhã, antes de saírem para a floresta, a mãe deu um pedaço de pão velho às crianças. Sem as pedrinhas brancas, João marcou o caminho de volta com pedacinhos de pão. O pai, vendo que o menino ia parando aqui e ali, perguntou:

— João, porque está parando tanto?

E o menino respondeu:

— É o meu pombinho branco que pousou no telhado para se despedir de mim.

A mãe, de mau humor, disse ao menino:

— Que bobagem... aquilo é o sol batendo na chaminé.

Quando chegaram a uma clareira bem distante, a mãe ordenou que as crianças esperassem ali. João e Maria esperaram, esperaram, mas ninguém apareceu.

Ao ver que estavam sozinhos, abandonados na floresta, Maria chorou amedrontada. João, porém, que confiava nas marcas que havia feito entre as árvores, disse:

— Não chore Maria. Vamos seguir a trilha de migalhas de pão e voltar para casa.

Os dois saíram procurando, mas não encontraram nada, pois os passarinhos haviam comido todo o pão deixado pelo caminho. Estavam perdidos! E a única coisa que podiam fazer era caminhar.

João e Maria andaram, andaram, por três dias, sem encontrar ninguém. No terceiro dia, viram um lindo pássaro, de penas brancas e brilhantes, pousado em uma árvore. Depois de cantar para os irmãos, o pássaro voou um pouquinho e parou, como se quisesse ser acompanhado.

As crianças seguiram o pássaro até uma casinha feita de bolo, chocolate, biscoitos e doces. Os dois estavam com tanta fome que resolveram experimentar um pedacinho da janela de chocolate. Depois, João provou uma beiradinha do telhado. Tudo estava tão gostoso que os dois comeram, comeram, até que alguém, dentro da casa, perguntou:

— Estou ouvindo um roque-roque de ratinho... Quem está roendo a minha casinha?

João e Maria levaram um susto, quando viram uma velha aparecer na porta, mas ela sorriu e disse:

— Ora, crianças, como chegaram aqui? Venham, eu vou cuidar de vocês.

A velha preparou um jantar delicioso, com leite, bolo, frutas e doces. Depois, arrumou duas caminhas macias, onde eles dormiram felizes, pensando que estavam no céu.

O que João e Maria não sabiam era que a velha era uma bruxa, muito, muito má. Ela havia construído a casinha de doces para atrair crianças, pois gostava de comer criancinhas assadas.

No outro dia, quando João e Maria acordaram, a velha prendeu João em uma gaiola e mandou Maria varrer o chão. O plano da bruxa era engordar João, que estava muito magrinho para ser comido. Enquanto isso, fazia a pobre Maria trabalhar, cozinhando, limpando a casa e varrendo o quintal.

Como a velha era meio cega, todos os dias mandava João colocar seu dedinho em um buraco da gaiola, para ver se ele estava engordando. O menino, muito esperto, percebeu que a bruxa enxergava mal e, em vez do dedo, estendia um ossinho de galinha. Quando a velha apalpava o osso, ficava furiosa:

— Esse menino come, come, e não engorda!

Aborrecida com a demora, a bruxa mandava Maria dar mais comida ao irmão.

O tempo foi passando, passando, e certo dia, cansada de tanto esperar, a velha mandou Maria acender o forno e colocar água em um caldeirão bem grande, pois estava decidida a cozinhar o João. Muito assustada, a menina chorava, enquanto fazia o que havia sido ordenado pela bruxa. Um pouco depois, a malvada chamou Maria junto ao forno e disse:

— Entre aí e veja se o forno está bem quente para assar o pão.

O que a velha queria era fechar o forno quando Maria estivesse lá dentro, mas a menina percebeu a intenção da bruxa e falou:

—Eu não sei entrar no forno. A entrada é tão pequena... Não quer me mostrar como se faz?

A bruxa ficou muito irritada:

— Menina tonta! A entrada não é pequena! Até eu posso passar por ela.

Então a malvada colocou a cabeça no forno e Maria, bem depressa, a empurrou, trancando a porta, para que ela morresse queimada. Depois de se livrar da bruxa, Maria libertou seu irmão.

Antes de partir, os dois irmãos pegaram as pérolas e as pedras preciosas, escondidas pela casa. João encheu seus bolsos com aquele tesouro e Maria guardou muitas joias no avental.

Os dois irmãos deixaram a casa da bruxa e caminharam pela floresta até chegar a um lago, que não conseguiram atravessar. Estavam pensando em como passar para o outro lado, quando Maria viu uma patinha branca e perguntou se ela podia atravessá-los em suas costas. A pata disse que levaria os dois, mas um de cada vez. Primeiro atravessou Maria, depois, atravessou João.

Chegando à outra margem do lago, as crianças continuaram sua caminhada pela floresta. Um pouco mais adiante, começaram a reconhecer partes da mata: estavam perto de casa! Não demorou muito, encontraram a cabana onde moravam.

O pai, que vivia muito triste e arrependido por ter abandonado seus filhos, quando viu as crianças quase morreu de felicidade e abraçou os dois, chorando de alegria. Contou que haviam passado por muitas dificuldades e que a mulher havia morrido.

Então, João e Maria mostraram ao pai as joias que traziam. Com aquele tesouro poderiam ter uma vida tranquila, sem preocupações com

dinheiro ou comida. E assim, João, Maria e seu pai viveram felizes para sempre.

Este texto é parte integrante da
Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil - Libras/Português
Acesse pelo site: www.bibliolibras.com.br

Direitos Autorais 2016 Copyright© Os textos das adaptações em Libras e Português da Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras/Português podem ser utilizados, reproduzidos e divulgados livremente, com citação da fonte.